



## **Jornalismo segundo Nelson Rodrigues: a defesa de um estilo jornalístico<sup>1</sup>**

Priscila Rodrigues MELO<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense<sup>3</sup>, Niterói – RJ

### **Resumo**

Defensor de um estilo jornalístico coberto por sensações, Nelson Rodrigues trabalhou de forma expressiva com o sensacionalismo nos anos 20 e se manifestou contrário ao surgimento da objetividade no jornalismo em plena década de 50. Analisando trechos das crônicas do jornalista Nelson Rodrigues na década de 60, será possível perceber nitidamente a diferença entre o jornalismo feito nos anos 20 e nos anos 60, período em que encontrou nas crônicas, espaço livre para suas manifestações. São os pontos de vista de Nelson Rodrigues acerca do jornalismo que marcam através de suas memórias, um estilo próprio de fazer jornalismo que nos permitirá perceber as transformações históricas dentro da escrita jornalística, dos anos 20 aos 60.

**Palavras-chave:** Nelson Rodrigues; jornalismo sensacionalista; objetividade e crônicas.

### **Introdução**

Pretendemos abordar neste artigo, os embates entre duas visões acerca do fazer jornalístico, tomando como base as crônicas do jornalista Nelson Rodrigues, profundamente saudosista de um jornalismo que entrava em declínio na década de 50 com o surgimento do lide e dos copy-desks, que ele apelidaria de “Os Idiotas da Objetividade”. Contrário ao novo estilo de fazer jornalismo, Nelson Rodrigues acreditava que um pouco de mentira, de ficção, fazia com que as matérias fossem mais interessantes. Trabalhou desde os treze anos de idade como repórter policial, fazendo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Jornalismo do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da UFF, e-mail: pris.melo@uol.com.br

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora Ana Lúcia Enne, e-mail: anaenne@terra.com.br



matérias atravessadas por “sensações”, muito comuns à época. Em 1950 sentiu-se obrigado a deixar as redações como jornalista e começar a trabalhar escrevendo crônicas.

Em uma época onde a censura mandava nos jornais, Nelson Rodrigues escreveu de forma a misturar realidade e ficção. Através de suas crônicas, é possível perceber, diante de suas falas, como era feito o jornalismo sensacionalista tão defendido na década de 20 e, usando seu ponto de vista, como era feito o jornalismo na década de 50, que tanto desprezava pela aderência às novas técnicas norte-americanas de jornalismo.

Desde o final do século XIX e mais precisamente na década de 1920, o jornalismo brasileiro vinha consolidando uma vertente mais sensacionalista. Os jornais *Manhã* (1925) e *Crítica* (1928), fundados por Mário Rodrigues, pai de Nelson Rodrigues, surgiram carregados de noticiários trágicos e cheios de escândalos, sendo a marca evidente do jornalismo dos anos 1920, por ser uma imprensa fortemente baseada no sensacionalismo.

Marialva Barbosa, em seu texto “*Tragédias apaixonam as cidades*”, fala sobre esse jornalismo:

“A marca mais inflexiva da imprensa carioca no final dos anos 1920 é, sem dúvida, o destaque que os jornais diários dão às notas sensacionais. Ou ‘tragédias’, como são chamados na época essa “rede de textos” (Chartier, 1993) que fala dos dramas quotidianos envolvendo crimes, violência, desfechos trágicos de toda a natureza.” (BARBOSA, s/d:75)

Segundo o livro de Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, o desenvolvimento da imprensa brasileira era totalmente dependente do desenvolvimento econômico do país, portanto, conforme o Brasil crescia, a imprensa também se desenvolvia. “Nesse sentido, o jornal avançou muito, entre nós, particularmente desde o início da segunda metade do século XX” (SODRÉ: 1998,348)

Dessa forma, a partir de meados do século XX, o jornalismo brasileiro passa a adotar novas técnicas de imprensa, como o *lead*, regra que ensinava ao jornalista como divulgar e apresentar a notícia para o leitor, imposta como uma fórmula universal de construir as notícias, mudando completamente as redações do Brasil, e os “copy-desks”, que iriam fazer Nelson Rodrigues, contrário à nova estrutura do jornalismo, chamá-los de “Os Idiotas da Objetividade”, sendo jornalistas que reescreviam os textos dos outros para enquadrá-los no estilo do jornal, corrigiam a gramática e eliminavam as



obscuridades, que, segundo Nelson Rodrigues, eram fundamentais para uma matéria perfeita.

No livro de Ruy Castro, *O Anjo pornográfico*, fica claro na vida de Nelson Rodrigues esse surgimento das novas técnicas, e seu descontentamento sobre elas:

“A revolução do “lead” e do “copy-desk” fora implantada no “Diário Carioca” por Danton Jobim, diretor do jornalismo, e Pompeu de Souza, redator-chefe, e ameaçava espalhar-se pelos jornais. Danton era um velho amigo de Nelson desde “A Manhã” e “Crítica”; e Pompeu, ainda seu comparsa de “garçonnière”. Isso não impediu Nelson de redigir contra a instituição do “copy-desk”. A busca da “objetividade” significava a eliminação de qualquer bijuteria verbal, de qualquer supérfluo, entre os quais os pontos de exclamação das manchetes – como se o jornal não tivesse nada a ver com a notícia. Suponha que o mundo acabasse. O “Diário Carioca” teria de dar essa manchete sem um mínimo de paixão. Nelson passional como uma viúva italiana, achava aquilo um empobrecimento da notícia e passou a considerar os “copy-desks” os “Idiotas da objetividade” (CASTRO: 1992, 231)

Ainda no livro de Ruy Castro, a opinião de Nelson Rodrigues em relação aos “copy-desks” é ressaltada. Ele era totalmente contra a objetividade nos jornais, acreditando que a notícia, sem a subjetividade, ficaria muito fria. “Mas esfriar a notícia daquele jeito, como queriam os “copy-desks”, pressupunha que o leitor tivesse uma alma de mármore, o que não era verdade. Além disso, Nelson sabia muito bem que os jornais e os jornalistas só eram objetivos e imparciais de araque.” (CASTRO: 1992,231-232)

Nelson Rodrigues era contrário a qualquer estipulação do que deveria ser dito ou não. As tragédias o deixavam obcecado, e o sensacionalismo era sua marca registrada. Para ele a subjetividade, um pouco de ficção, de mentira, davam à notícia um “sabor” diferente, que fazia com que o leitor se envolvesse diante do fato.

### **Contando uma década através de memórias**

As memórias não são puras; não são o fato, mas a construção no presente através do passado relatado pelo autor. Nas análises das crônicas, verifica-se a idéia do autor, mas sem questionar a veracidade ou não dos seus pensamentos. A utilização de memória para analisar qualquer elemento envolvido em uma questão, sempre remete



aos pontos de vista do autor, dentro do que seria a sua “verdade”. Assim, ao buscar essas memórias, será possível apresentar o que seria, para o próprio Nelson Rodrigues, o jornalismo da década de 20 e o da década de 60.

Para Maurice Halbwachs, citado na tese de Ana Lúcia Enne (2002), a memória, mesmo sendo o ponto de vista, no caso de Nelson Rodrigues, nunca será totalmente individual, pois sempre possui uma interação e ação da sociedade. Também no nosso caso, podemos dizer que Nelson Rodrigues está expressando suas idéias, mas dentro do tempo e espaço em que as vivencia.

“É preciso não esquecer que as lembranças, ao contrário das referências históricas, pertencem ao e estão no indivíduo, mas isso não as tornam únicas e individuais. Mesmo a lembrança aparentemente mais particular possui um caráter particularista, remetendo a um grupo, a um contexto de interação”.(HALBWACHS *apud* ENNE :2002,35)

Para Ana Lúcia Enne, “a *memória* pode ser pensada como uma apropriação do passado, pensada como uma fonte provedora de recursos para a construção de um futuro possível”. (ENNE:2002,40)

Diante dessa idéia, é importante enfatizar a utilização da memória como meio de construir esse futuro, que seria tentar entender o que significava jornalismo para Nelson Rodrigues, e o que viria a “estragar”, segundo ele, a fórmula mágica, que vinha carregada de subjetividade.

Ainda na tese de Ana Lúcia Enne, há a referência ao autor Arjun Appadurai em seu artigo “The past as a scarce resource”, onde o autor fala da sua idéia de trabalhar com a memória. Na apropriação de Enne, a partir de Appadurai:

“(..) o passado deve ser pensado como a fonte para a construção, no presente, de uma memória que ancore identidades e, principalmente, como um instrumento de poder. Mas o passado não pode ser visto como dotado de um estoque inesgotável, sujeito a qualquer apropriação. Ao contrário, existem limitações neste uso do passado como recurso, dadas exatamente pela história dos acontecimentos (...)”.( ENNE:2002,40)

Diante desse trecho baseado em Appadurai, é importante lembrar que o passado é escasso e a memória não possui todas as respostas que procuramos; por isso, é incompleta. Assim, a reflexão referente à memória deve ser muito cuidadosa, levando à relativização das conclusões.



Para Ana Lúcia Enne, fazer essa análise através da memória é trazer uma idéia do passado que possa responder a questionamentos e dúvidas do presente, “através de discursos construídos a partir de evocações distintas, oferecer uma versão memorial sobre o passado que atenda a demandas específicas do presente”(ENNE, 2002, 41).

A autora ainda fala dessa construção de memória através do passado:

“Portanto, a memória construída no presente, a partir de demandas dadas por este e não necessariamente pelo passado em si, pode ser pensada como fator fundamental para a construção de pertencimentos sociais, aos mais diversos níveis associativos. (...) De qualquer forma, o que quero salientar, por enquanto, é a intensa relação entre a *memória* como processo coletivo de construção do passado a partir de demandas do presente”. (ENNE, 2002,43)

Com isso, a autora afirma que essa construção do presente, com o uso do passado, através das memórias, torna-se necessário, quando existe uma busca para tal assunto. Nas crônicas, Nelson Rodrigues se mostra descontente com as diferentes formas de jornalismo, especificamente com aquela que estava sendo praticada na década de 60, na qual o glamour se perdeu com o surgimento dos “Idiotas da Objetividade”, abominados pelo jornalista.

### **As crônicas que ficcionaram a verdade rodriguiana**

Para Nelson Rodrigues, ao escrever suas crônicas na década de 60, não se fazia mais jornalismo como antigamente. Aquele jornalismo que envolvia, que emocionava e que alimentava a imaginação dos leitores e instigava a criatividade. Com o surgimento das novas técnicas norte-americanas, a objetividade tomou conta das redações, o que causou em Nelson Rodrigues uma revolta visível nos seus textos: “Sou o colunista que se repete com um límpido impudor. Não tenho o menor escrúpulo em usar duzentas, trezentas vezes a mesma metáfora”, afirmava Nelson Rodrigues na sua crônica “O jornal da véspera sai hoje”, do livro *O Reacionário*, de 1995, mas que foi datada em 1969. Diante dessa confissão, é possível perceber o estilo do autor em relação a sua forma de escrever. Repetia constantemente suas frases, até virarem “lugar comum”, como aconteceu com: “óbvio ululante”, “padre de passeata”, “a estudante de psicologia da PUC”, “os idiotas da objetividade”, “a cabra vadia”, entre outras figuras.



“Aprendi que as coisas ditas uma vez, e só uma vez, morrem inéditas. Claro que os eternos descontentes, que sempre os há, protestam: - “Você já escreveu isso”. E, um dia, uma senhora bateu o telefone para mim: - “O senhor escreveu, hoje, a ‘confissão’ de ontem”. Disse-lhe: - “Boa piada, boa piada”. Rimos ambos e ela já se despedia alegremente: - “Desculpe a brincadeira”.<sup>4</sup>

Nesse trecho, ainda da mesma crônica, percebemos que o uso dessas metáforas, como chamava o próprio jornalista, eram tão repetidas, que o leitor parecia estar lendo a mesma coisa. Mas esse fato não acontecia sem querer, muito pelo contrário, Nelson Rodrigues se orgulhava do seu estilo de escrever, e afirmou ainda que essa fórmula marcou a história: “A leitora tinha razão a meu respeito, porque não nego as minhas repetições. É, além disso, sem o querer, ela definiria toda uma época jornalística”.<sup>5</sup>

Outro fato interessante nessa crônica é a respeito do contraste dos jornais dos anos 20 e dos 60. Nelson Rodrigues explicita sua opinião sobre o assunto e compara as diferenças que para ele eram absurdas:

“Um paralelo entre duas épocas jornalísticas ensina que, no passado, a notícia e o fato eram simultâneos. O atropelado acabava de se estrebuchar na página do jornal. E assim o marido que matava a mulher e a mulher que matava o marido. Tudo tinha a tensão, a magia, o dramatismo da própria vida. Mas como, hoje, só há o jornal da véspera, cria-se uma distância entre nós e a notícia, entre nós e o fato, entre nós e a calamidade pública ou privada. Servem-nos a informação envelhecida.”<sup>6</sup>

Para Nelson Rodrigues, os jornais da década de 60 se transformaram em jornais com fatos previsíveis demais, frios e sem nenhum atrativo que entusiasmasse e chamasse o leitor.

O jornalista e cronista fala também da falta de importância do jornalista na década de 60, diferente dos anos 20, nos quais era o jornalista que fazia o jornal e não o contrário:

“Outro dia, um colega veio para mim, aflitíssimo: - “Não sei o que é que eu tenho, não sei”. Pergunto: - “Dor de cabeça?”. Não, não. E explica: - “Estou me sentindo velho, velho”. Ofereci-lhe um comprimido, como se ele pudesse curar a súbita velhice

---

<sup>4</sup> RODRIGUES, Nelson. “O jornal da véspera sai hoje”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia da Letras, 1995, 67.

<sup>5</sup> *Idem*.

<sup>6</sup> RODRIGUES, Nelson. “O Jornal da véspera sai hoje”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 68.



com aspirina. Até que percebi toda a verdade: - era uma velhice profissional e repito: nós, jornalistas, é que estamos mais obsoletos, mais fora de moda do que o charleston, do que o tango, do que Benjamim Costallat.”<sup>7</sup>

Nelson Rodrigues ainda insiste em relação ao jornal da véspera e repete que é incapaz de comover um leitor:

“Dirão vocês que, apesar dos pesares, o jornal da véspera ainda comove. Não, não. Essa margem de tempo que vai da véspera ao dia seguinte impede qualquer apelo emocional.”<sup>8</sup>

Com esse trecho, pode-se perceber que Nelson era contra esses novos jornais, que mais pareciam estar velhos, por não causarem, como antes, um impacto para o leitor.

Na crônica “O Pesadelo Humorístico”, Nelson Rodrigues criticava o século XX, como sendo um século que não existiu, que passaria despercebido, por não ter criado nada, ou mesmo, por não possuir uma história:

“Daqui a trezentos, ou quatrocentos, ou quinhentos anos, os historiadores não saberão onde acaba o século XIX e onde começa o século XX. É possível que eles concluam; como aqui insinuo, que não houve o século XX. Não sei se há outros casos de épocas que por um lapso misterioso e fatal da história não nasceram.”<sup>9</sup>

Nelson Rodrigues acrescenta em sua crônica, desprezando o século XX, talvez por ser dotado de regras que não seguia, como o surgimento da objetividade:

“O grande acontecimento do século XIX foi a ascensão espantosa e fulminante do idiota. Até então, o idiota era apenas o idiota e como tal se comportava. Não vejam em minhas palavras nenhum exagero caricatural. E o primeiro a saber-se idiota era o próprio idiota. Não tinha ilusões.”<sup>10</sup>

Já na crônica “Despedidas de Sílvio Caldas”, escrita em 1969, Nelson Rodrigues fala das redações jornalísticas da década de 60. Como funcionava e como era cheia de jornalistas:

---

<sup>7</sup> Idem, *Ibidem*, p.68.

<sup>8</sup> RODRIGUES, Nelson. “O Jornal da véspera sai hoje”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 68

<sup>9</sup> RODRIGUES, “Pesadelo humorístico”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 71.

<sup>10</sup> RODRIGUES, “Pesadelo humorístico”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 71-72.



“(…) Uma redação é ressoante como uma colméia de máquinas de escrever. Cada um de nós é um datilógrafo excitadíssimo. E o pior é que ninguém pára, não há uma pausa, um suspense, nada. Um amigo entrou na redação e fez a pergunta aterrada: - ‘Vocês não pensam?’.”<sup>11</sup>

Esse comentário do jornalista deixa evidente, na visão do próprio Nelson Rodrigues, a diferença entre os jornais modernos, da década de 60, e os antigos. A rapidez com que a notícia era tratada, e como elas eram minuciosamente construídas no passado:

“Flaubert perdia uma semana escolhendo entre mil sinônimos. Buscava a palavra absoluta. Infelizmente, tais rigores estilísticos são inviáveis na redação moderna. E, como escrevemos sem pensar, chega a parecer que as olivettis e as remingtons pensam por nós.”<sup>12</sup>

A partir da metade do século XX, as matérias eram fabricadas, objetivamente. Não se tinha tempo para usar o termo certo, a palavra que causasse efeito. Tudo era feito rápido demais para se pensar em construir.

Mas aquele pensamento a respeito da figura do “grande jornalista” é novamente evocado, demonstrando o inconformismo de Nelson com esse jornalismo que tomava conta do país:

“São duzentas, trezentas, quatrocentas figuras, entre redatores, repórteres, estagiárias. Todavia falta alguém na selva humana. É o ‘grande jornalista’. Façam uma pesquisa. Leiam os jornais, da primeira à última página, inclusive os anúncios de missa. E não acharemos o ‘grande jornalista’. Há entre eles e as novas gerações uma sábia e inapelável distância. Dirão vocês que ainda existem no Rio, um Roberto Marinho, em São Paulo, um Júlio de Mesquita e mais um ou dois. Mas são figuras solitárias e como que espectrais. O resto, ah, o resto é tão impessoal, tão nivelado, tão massificado.”<sup>13</sup>

E faz questão de mostrar a diferença das redações nos anos 20, que chama, nas suas crônicas, de passado:

---

<sup>11</sup> RODRIGUES, Nelson. “Despedida de Sílvio Caldas”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 95.

<sup>12</sup> RODRIGUES, “Despedida de Sílvio Caldas”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 95.

<sup>13</sup> RODRIGUES, “Despedida de Sílvio Caldas”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 95.





“No passado, porém, o jornal era o ‘grande jornalista’. Os demais faziam a paisagem. Ai da redação que não tivesse um Zé do Patrocínio, um Quintino Bocaiúva, um Edmundo Bittencourt, um Irineu Marinho, um Mário Rodrigues.”<sup>14</sup>

Hoje, são os jornais que possuem o nome, e não o jornalista que, diante da sua importância, fazia do jornal um astro.

“Psicanálise de Grupo” é uma crônica que fala de uma das figuras mais abominadas por Nelson Rodrigues, a estagiária. Contrário à academia, e machista ao extremo, detestava e fazia inúmeras piadas para as estagiárias do curso de jornalismo:

“Vocês que não conhecem os bastidores de um jornal, não imaginam o que seja uma estagiária. Nos bons tempos de Quintino Bocaiúva, Alcindo Guanabara, Edmundo Bittencourt, Gil Vidal, Irineu Marinho, Mário Rodrigues, o jornalista era jornalista. Mas rolaram as gerações. E hoje irrompe na imprensa uma figura surpreendente e, direi mesmo, irreal: - a jornalista que não é jornalista.”<sup>15</sup>

E ainda fala sobre o que poderiam pensar os idiotas da objetividade:

“Os idiotas da objetividade hão de objetar: - ‘Isso é paradoxo’. Realmente, custa a crer que um jornalista possa não ser, ao mesmo tempo, jornalista. É o que se dá, exatamente com a estagiária.”<sup>16</sup>

Nelson Rodrigues usa sempre um estilo irônico, fazendo descaso das mulheres que decidiam fazer o curso de jornalismo: “Pra mim não há fato, ou ato, intranscendente. Se a galinha pula a cerca do vizinho, estejam certos de que não foi por acaso ou gratuitamente.”<sup>17</sup>

E completa ainda sobre as estagiárias:

“Se uma moça entra no curso de jornalismo da PUC é que algo está acontecendo ou vai acontecer. Um dia, andei sondando a vida de três estagiárias, minhas companheiras. Uma era desquitada, outra ia se desquitar, a terceira estava com o desquite quase homologado. O dado estatístico impressiona: - cem por cento de desiludidas.”<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> RODRIGUES, “Despedida de Sílvia Caldas”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 96.

<sup>15</sup> RODRIGUES, “Psicanálise de grupo”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 111.

<sup>16</sup> *Idem*.

<sup>17</sup> *Idem*.

<sup>18</sup> *Idem*.



A estagiária é uma das cismas de Nelson Rodrigues, que acredita serem uma prova de que os cursos universitários de jornalismo não eram fazedores de jornalistas:

“Hoje, um jornal que se preze tem, no mínimo, cinco secretários, outros cinco subsecretários, cinco chefes de reportagem etc. etc. E há um tipo sinistro que, pago para ter idéias, nunca as tem.. Pois bem.”<sup>19</sup>

Na sua crônica “A Inteligência Hippie”, Nelson Rodrigues volta a fazer a comparação do velho e o novo jornalismo, agora em relação ao estilo dos jornalistas de se vestir e agir. Para ele, este estilo se adequa ao século, que tem seus valores desvalorizados:

“A dessemelhança começou no terno. Ah, vocês não imaginam como se vestia bem o antigo jornalista, o antigo revisor, o antigo linotipista. Em nossos dias, o linotipista pode funcionar de peito nu e bermudas. Mas nas gerações românticas, os usos, os costumes, os valores eram outros.”<sup>20</sup>

O jornalista também se mostrava inconformado com a forma como os novos profissionais tratavam e se comportavam nos locais de trabalho, e lembrava como eram na sua época as redações: “As gerações de hoje não podem imaginar as maneiras, a polidez, a correção, a cerimônia das velhas redações. Até contínuos pareciam ministros.”<sup>21</sup>

E acrescenta dizendo sobre o número de profissionais que atuavam na época, em relação às redações modernas:

“Sim, tudo mudou. Antes de mais nada houve o que eu chamaria de aviltamento de maneiras. Outro dia, um amigo meu passou num dos nossos maiores jornais. Voltou horrorizado. Vira uma redação de *hippies*. No seu desolado escândalo, dizia e repetia: - ‘Se o grande jornal é assim, imaginem os outros’. Vira, em primeiro lugar, redatores descalços. Quis duvidar: - ‘Descalço mesmo?’. Jurou: - ‘Quero que Deus me cegue se minto!’.”<sup>22</sup>

Diante desse fato, Nelson Rodrigues aproveita para tentar explicar um pouco da história da inteligência brasileira, falando das passeatas:

---

<sup>19</sup> RODRIGUES, “Psicanálise de grupo”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 112.

<sup>20</sup> RODRIGUES, Nelson. “A inteligência hippie”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 127.

<sup>21</sup> *Idem*.

<sup>22</sup> RODRIGUES, Nelson. “A inteligência hippie”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 128.



“O que eu quero dizer é que os intelectuais que marcham são estilistas sem uma frase, poetas sem metáfora, romancistas sem um personagem, cineastas sem filme. Não escrevem, não pensam, não imaginam – simplesmente passearam. Um dos tais é um arquiteto que não projetou um galinheiro. Não importa. Estava na passeata.”<sup>23</sup>

Para o jornalista Nelson Rodrigues, nos anos 60, os novos jornalistas apenas faziam pose de jornalista, não pensavam, não agiam como tal. Bem diferente dos profissionais da década de 20, que orgulhosamente incluí no fazer jornalismo-literário. E terminou o assunto ironizando sobre a perda total das raízes do velho jornalismo, que deposita no passado:

“Vejam como é simples ser intelectual. O sujeito não toma banho, não escova os dentes, passa a usar uma barba e uma cabeleira do assassino de Sharon. Vai para a redação descalço. Coça a cabeça com os dez dedos. Ou, então, senta-se na sala da diretoria e raspa, com gilete, a própria sarna. Ótima idéia escrever com um mico no ombro. Gaba-se de ter piolhos do tamanho de uma lagartixa. Segundo me informam, uma das figuras da ‘inteligência hippie’ já se despiu em plena redação para redigir o editorial. Ao vê-lo corajosamente nu, no seu trabalho – a diretoria aumentou-lhe o ordenado. Era a morte do passado.”<sup>24</sup>

Na crônica “Erotismo Internacional”, Nelson Rodrigues fala das “épocas débeis mentais”. Para ele, é algo que aconteceu em todo o mundo simultaneamente:

“(..) Todos agem e reagem como imbecis. Não que sejam, absolutamente. Muitos são inteligentes, sábios, clarividentes; e têm um nobilíssimo caráter, e uma fina sensibilidade, e uma alma de superior qualidade. Mas num mundo de débeis mentais, temos de imitá-los. Não sei se me entendem. Mas, para viver, para sobreviver, para coexistir como os demais, o sujeito precisa ir ao fundo do quintal. E lá enterrar todo o seu íntimo tesouro. Hei de escrever, um dia, sobre a ‘nova classe dos falsos cretinos’.”<sup>25</sup>

Para Nelson Rodrigues, as pessoas aceitavam perfeitamente tudo o que lhes era imposto, e para viver em sociedade, a maioria deixava de ter suas convicções e pensava com a cabeça dos pensantes que Nelson Rodrigues acreditava serem os ‘falsos cretinos’.

---

<sup>23</sup> RODRIGUES, Nelson. “A inteligência hippie”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 129

<sup>24</sup> RODRIGUES, Nelson. “A inteligência hippie”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 130.

<sup>25</sup> RODRIGUES, Nelson. “Erotismo internacional”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 160.



“Toda a unanimidade é burra”, dizia o jornalista. Essa frase poderia ser encaixada perfeitamente no assunto. Para ele, quando todos acreditam em algo, sem questionar, é burrice. As pessoas deviam debater suas idéias e não aceitar facilmente as que foram impostas.

“E o ‘grande jornalista’ não punha uma vírgula, em seu texto, sem pensar duzentas vezes. Ele podia gemer: - ‘Dura profissão de estilista!’ Por se tratar de uma matéria sagrada, que podia tanto salvar como perder o jornal, o articulista não opinava, nunca, jamais, em hipótese nenhuma. Um artigo de fundo não fazia nada, nem queria dizer nada. Repetindo: - o ‘artigo de fundo’ era o ópio do leitor.”<sup>26</sup>

Para Nelson Rodrigues, as opiniões nos jornais modernos são desvairadas, capazes de deixar uma nação apavorada, diferente dos jornais de antigamente, em que se pensava muito para opinar.

Já na crônica “Relâmpagos de Curto-Circuito”, escrita em 1974, Nelson Rodrigues deixa evidente a sua opinião a respeito da subjetividade nas entrevistas que hoje já deixaram de existir. O toque de ficção, de mentira, ou talvez de uma verdade obscura:

“Não sei de vocês se lembram do meu ponto de vista. Baseado em toda a minha experiência jornalística, sustento que nada mais falso, nada mais apócrifo, nada mais cínico do que a entrevista verdadeira. Por outras palavras, a entrevista verdadeira é uma sucessão de poses e de máscaras. Ao passo que a ‘entrevista imaginária’, pelo fato de ser imaginária e irresponsável, não mente jamais. E o leitor fica sabendo de tudo o que o entrevistado pensa, sente e não diz, nem a muque.”<sup>27</sup>

Nelson Rodrigues ainda acrescenta sobre as suas entrevistas imaginárias e seus cenários:

“Não sei se vocês se lembram. Mas todas as minhas ‘entrevistas imaginárias’ pedem terreno baldio e a presença de uma cabra vadia. É muito plástico. Enquanto o entrevistado diz suas verdades, a cabra mastiga a paisagem. Para dar atmosfera ao fato, tudo começa à meia-noite, a hora que apavora.”<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> RODRIGUES, Nelson. “Erotismo internacional”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 161

<sup>27</sup> RODRIGUES, Nelson. “Relâmpagos de curto-circuito”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 343.

<sup>28</sup> RODRIGUES, Nelson. “Relâmpagos de curto-circuito”. *O Reacionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 344.



Na última crônica de nossa análise, “Morrer com o ser amado”, escrita em 1968, do livro *Óbvio Ululante*, Nelson Rodrigues fala dos temas que viravam notícia nos jornais de antigamente:

“Se alguém traduzisse as manchetes de *O Dia* e da *Luta Democrática* para um turista, este havia de pensar, por outras palavras: - ‘O brasileiro vive matando o ser amado’. Cabe uma retificação: - antes matava mais. Por toda a Belle Époque, até 1920, por aí, o marido, a mulher, os namorados brincavam com a morte. Sem desconfiar brincavam com a morte. Um jovem nunca sabia se estava flertando com o assassino.”<sup>29</sup>

E ainda fala do tratamento moderno e objetivo dos fatos, mostrando no *Jornal do Brasil* a receptividade com determinados assuntos, levando à exclusão do sensacionalismo, tema que Nelson Rodrigues acreditava ser um dos toques para que uma matéria fosse interessante:

“Via de regra, o nosso jornal moderno tem pudor de valorizar e dramatizar o crime passional (...) Marido que mata mulher, ou mulher que mata marido, é tratado sem nenhum patético, em forma de pura, sucinta e objetiva informação. O *Jornal do Brasil* vai mais longe. (...) O *do Brasil* não lhes dará a mínima cobertura. Um dia, por força do seu desenvolvimento, este país terá o seu vampiro. Mas não se preocupem. No dia em que alguém chupar a carótida de alguém, o sangue há de tingir todas as primeiras páginas. Só a do *Jornal do Brasil* continuará firme no seu preto e branco.”<sup>30</sup>

Nelson Rodrigues, saudosista da década de 20, daquele jornalismo que carregava em sua composição um pouco de exagero, de mentira, sensacionalismo e coberto de ficção e subjetividade, acrescenta:

“Em 1919, a nossa imprensa gostava de sangue. O futebol ainda não se instalara na primeira página. E a adúltera assassinada era mais promovida do que a Bovary ou a Kerenina. A reportagem invadia o necrotério, a alcova, e fazia um saque de fotografias e cartas íntimas.”<sup>31</sup>

Todos esses trechos de pensamentos de Nelson Rodrigues sobre diversos assuntos revelam, principalmente, o seu ponto de vista sobre a subjetividade no jornalismo, a qual sugere vir junto ao sensacionalismo, em uma mistura fundamental

---

<sup>29</sup> RODRIGUES, Nelson. “Morrer com o ser amado”. *O Óbvio Ululante*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, 87.

<sup>30</sup> RODRIGUES, Nelson. “Morrer com o ser amado”. *O Óbvio Ululante*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, 88.

<sup>31</sup> *Idem*.



para que a matéria seja desejada pelos leitores. É possível também observar algumas diferenças nítidas entre o jornalismo de que adorava fazer parte na década de 20, que chamou de velho jornalismo, e o novo, que lhe trouxe tantas decepções.

### **Considerações finais**

Através dessa análise, percebe-se que Nelson Rodrigues, nos anos 60, era totalmente ligado ao estilo da década de 20, estilo este que começou a utilizar ainda como jovem repórter, atuando nos jornais de propriedade de sua família. Defensor do uso da ficção no texto jornalístico, Nelson Rodrigues era contrário ao jornalismo que surgiu na década de 50, totalmente objetivo. Para ele, o jornalismo passou a ser árido como uma paisagem lunar, sem vida, sem graça. A mentira fazia parte do jornalismo policial da época em que trabalhou, suscitando o interesse dos leitores que se identificavam com os assuntos do cotidiano.

Em entrevista pessoal para o pernambucano Geneton Moraes Neto, em 1 de maio de 1978, Nelson Rodrigues exemplifica a falta que essa subjetividade causava e como era utilizada no jornalismo da sua época:

“E esse antigo jornalismo permitia, por exemplo, que você fosse fazer a cobertura de um incêndio e levasse na mão uma casa de pássaro, uma gaiola e metesse a gaiola com um pássaro lá num certo ponto da casa em chamas. E aí o repórter que não era idiota da objetividade dizia que o nosso querido fotógrafo ouviu toda a cantoria do canário. Hoje, a reportagem de polícia está mais árida do que uma paisagem lunar. Lemos jornais dominados pelos idiotas da objetividade. (...) Daí porque a maioria foge para a televisão. A novela dá de comer à nossa fome de mentira”.([www.geneton.com.br](http://www.geneton.com.br))]

Assim, fica bem visível e óbvio o descontentamento do jornalista Nelson Rodrigues diante da nova estrutura jornalística criada na década de 50, a fim de mudar o rumo das notícias, dando a elas ares objetivos, fazendo esquecer de adjetivos e deixando de lado o ficcional, a subjetividade, que “enfeitavam” as matérias nos anos de 1920.

Nelson Rodrigues, ainda em entrevista ao jornalista Geneton Neto, define como interpreta a valorização da objetividade:

“É a falta de complexidade do sujeito que diz só a coisa certa ou aparentemente certa e não vê que todo fato tem uma aura. A verdade é que o fato só, em si mesmo, é uma boa droga(...)As duas coisas pareciam não ter



nenhuma conexão: o fato e a sua cobertura. Estava um povo inteiro a se desgrenhar, a chorar lágrimas de pedra. E a reportagem, sem entranhas, ignorava a pavorosa emoção da população”.(www.geneton.com.br)

Podemos concluir, a partir dos trechos destacados, o esforço de Nelson Rodrigues para condenar essa aparente evolução no jornalismo, que distanciava a notícia da subjetividade, tirando qualquer adereço que pudesse floreá-lo. Sem dúvida, as crônicas e memórias do autor permitem que se perceba não só as transformações entre dois modos distintos de fazer jornalístico, mas o quanto de disputa em torno dos mesmos estava se travando no campo profissional do período.

### Referências

ALVES, Carla Cristina Costa. **Nelson Rodrigues e a Reportagem Policial: Realidade x Ficção**. Monografia de Graduação em Comunicação Social. Rio de Janeiro, Uerj, 2001.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme Que Sai Sangue. Um Estudo do Sensacionalismo na Imprensa**. São Paulo, Summus editorial, 1995.

BARBOSA, Marialva. **“Tragédias” apaixonam as cidades**, s/d. Texto mimeo.

CARVALHO, Kátia. **Imprensa e Informação no Brasil, século XIX**. In: <http://www.ibict.br/cienciadainformacao> - consulta em 20/05/2005

CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico: a Vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

ENNE, Ana Lucia S. **Lugar, Meu Amigo é Minha Baixada: Memória, História e Identidade Social na Baixada Fluminense**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGAS/MN/UFRJ, 2002.

FACINA, Adriana. **Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.

PEREIRA, Aline Andrade. **Sobe o Pano: a Crítica Teatral Moderna e a sua Legitimação através de Vestido de Noiva**. Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2004.

RODRIGUES, Nelson. **O Óbvio Ululante**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. **O Reacionário**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

NETO, Geneton Moraes. **Cenas de Um Encontro com um Gênio chamado Nelson Rodrigues: “Ao cretino fundamental, nem água”**. In: <http://www.geneton.com.br/archives> – consulta em 05/09/2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Mauad, 1998.